

faz questão de cultivar os gérmenes da antipatia e das lembranças cruéis, é mais que natural que, no plano invisível perseverem os elementos da aversão e da vindita implacáveis, em obediência às leis de reciprocidade, depreendendo-se daí a necessidade do perdão com o inteiro esquecimento do mal, afim-de que a fraternidade pura se manifeste através da oração e da vigilância, convertendo o ódio em amor e piedade, com os exemplos mais santos, no Evangelho de Jesus.

159. — *No caso das perseguições dos inimigos espirituais, a sua ação se realiza sem o conhecimento dos nossos guias amorosos e esclarecidos?*

— As chamadas atuações do plano invisível, de qualquer natureza, não se verificam á revelia de Jesus e de seus prepostos, mentores do homem na sua jornada de experiências para o conhecimento e para a luz.

As perseguições de um inimigo invisível têm um limite e não afetam o seu objeto senão na pauta de sua necessidade própria, porquanto, sob os olhos amoráveis dos vossos guias do plano superior, todos esses movimentos têm uma finalidade sagrada, como a de ensinar-vos a fortaleza moral, a tolerância, a paciência, a conformação, nos mais sagrados imperativos da fraternidade e do bem.

160. — *Os espíritos desencarnados se dividem, igualmente, nas esferas mais próximas da Terra em seres femininos e masculinos?*

— Nas esferas mais próximas do planeta, as almas desencarnadas conservam as características que lhes eram mais agradáveis nas atividades da existencia material, considerando-se que algumas que perambulam no mundo com uma veste orgânica imposta pelas circunstâncias da tarefa a realizar junto às criaturas terrenas, retomam as suas condições anteriores á reencarnação, então enriquecidas, se bem souberam cumprir

os seus deveres no plano das dores e das dificuldades materiais.

Dilatando, porém, a questão, devemos ponderar que os espíritos com esses ou aqueles traços característicos, estão em marcha para Deus, purificando todos os sentimentos e embelezando as faculdades próprias, afim-de refletirem a luz divina, transformando-se, então, nessas ou naquelas condições, em perfeitos executores dos desígnios do Eterno.

II

SENTIMENTO

ARTE

161. — *Que é arte?*

— A arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse “mais além” que polariza as esperanças da alma.

O artista verdadeiro é sempre o “médium” das belezas eternas e o seu trabalho, em todos os tempos, foi tanger as cordas mais vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o Infinito e abrindo, em todos os caminhos, a ansia dos corações para Deus, nas suas manifestações supremas de beleza, de sabedoria, de paz e de amor.

162. — *Todo artista pôde ser também um missionário de Deus?*

— Os artistas, como os chamados sábios do mundo, podem enveredar, igualmente, pelas cristalizações do convencionalismo terrestre, quando nos seus corações não palpita a chama dos ideais divinos, mas, na maioria das vezes, têm sido grandes missionários das idéias, sob a égide do Senhor, em todos os departamentos da ativi-

dade que lhes é própria, como a literatura, a música, a pintura, a plástica.

Sempre que a sua arte se desvencilha dos interesses do mundo, transitórios e perecíveis, para considerar tão somente a luz espiritual que vem do coração unísono com o cérebro, nas realizações da vida, então o artista é um dos mais devotados missionários de Deus, porquanto saberá penetrar os corações na paz da meditação e do silêncio, alcançando o mais alto sentido da evolução de si mesmo e de seus irmãos em humanidade.

163. — *Póde alguém fazer-se artista tão só pela educação especializada em uma existência?*

— A perfeição técnica, individual de um artista, bem como as suas mais notáveis características, não constituem a resultante das atividades de uma vida, mas de experiências seculares na Terra e na esfera espiritual, porquanto o genio, em qualquer sentido, nas manifestações artísticas mais diversas é a síntese profunda de vidas numerosas, em que a perseverança e o esforço se casaram para as mais brilhantes florações da espontaneidade.

164. — *Como devemos compreender o genio?*

— O genio constitui a súpula dos mais longos esforços em múltiplas existências de abnegação e de trabalho, na conquista dos valores espirituais.

Entendendo a vida pelo seu prisma real, muita vez, desatende ao círculo estreito da vida terrestre, no que se refere às suas fórmulas convencionais e aos seus preconceitos, tornando-se um estranho ao seu próprio meio, por suas qualidades superiores e inconfundíveis.

Esse é o motivo pelo qual a ciência terrestre, encarcerada nos cânones do convencionalismo, presume observar no genio uma psicose condenável tratando-o, quasi sempre, como a célula enferma do organismo social, para glorificá-lo, muitas vezes, depois da morte,

tão logo possa apreender a grandeza da sua visão espiritual na paisagem do futuro.

165. — *Como poderemos entender o psiquismo dos artistas, tão diferente do que caracteriza o homem comum?*

— O artista, de um modo geral, vive quasi sempre mais na esfera espiritual que propriamente no plano terrestre.

Seu psiquismo é sempre a resultante do seu mundo íntimo, cheio de recordações infinitas das existências passadas, ou das visões sublimes que conseguiu apreender nos círculos de vida espiritual, antes da sua reencarnação no mundo.

Seus sentimentos e percepções transcendem aos do homem comum pela sua riqueza de experiências no pretérito, situação essa que, por vezes, dá motivos á falsa apreciação da ciência humana, que lhe classifica os transportes como nevrose ou anormalidade, nos seus erros de interpretação.

É que, em vista da sua posição psíquica especial, o artista nunca cede ás exigências do convencionalismo do planeta, mantendo-se acima dos preconceitos contemporâneos, salientando-se que, muita vez, na demasia de inconsideração pela disciplina, apesar de suas qualidades superiores, póde entregar-se aos excessos nocivos á liberdade, quando mal dirigida ou falsamente aproveitada.

Eis porque, em todas as situações, o ideal divino da fé será sempre o antídoto dos venenos morais, desobstruindo o caminho da alma para as conquistas elevadas da perfeição.

166. — *No caso dos artistas que triunfaram, sem qualquer amparo do mundo e se fizeram notáveis tão só pelos valores da sua vocação, traduzem suas obras alguma recordação da vida no Infinito?*

— As grandes obras primas da arte, na maioria

das vezes, significam a concretização dessas lembranças profundas. Todavia, nem sempre constituem um traço das belezas entrevistadas no Além pela mentalidade que as concebeu, e sim recordações de existências anteriores, entre as lutas e as lágrimas da Terra.

Certos pintores notáveis que se fizeram admirados por obras levadas a efeito sem os modelos humanos, trouxeram á luz nada mais nada menos que as suas próprias recordações perdidas no tempo, na sombra apagada da paisagem de vidas que se foram. Relativamente aos escritores, aos amigos da ficção literária, nem sempre as suas concepções obedecem á fantasia, porquanto são filhas de lembranças inatas, com as quais recompõem o drama vivido pela sua propria individualidade nos séculos mortos.

O mundo impressivo dos artistas tem permanentes relações com o passado espiritual, de onde extraem o material necessário á construção espiritual de suas obras.

167. — *Os grandes músicos quando compõem peças imortais podem ser também influenciados por lembranças de uma existencia anterior?*

— Essa atuação pôde verificar-se no que se refere ás possibilidades e ás tendências, mas no capítulo da composição os grandes músicos da Terra, com méritos universais, não obedecem á lembranças do pretérito, sim a gloriosos impulsos das fôrças do Infinito, porquanto, a música na Terra é, por excelencia, a arte divina.

As óperas imortais não nasceram do lôdo terrestre, mas da profunda harmonia do universo, cujos cânticos sublimes foram captados, parcialmente, pelos compositores do mundo, em momentos de santificada inspiração.

Apenas desse modo, podereis compreender a sagrada influencia que a música nobre opera nas almas, arrebatando-as em quaisquer ocasiões, ás idéias indeci-

sas da Terra para as vibrações do íntimo com o Infinito.

168. — *Os espíritos desencarnados cuidam igualmente dos valores artísticos no plano invisível para os homens?*

— Temos de convir que todas as expressões de arte na Terra representam traços de espiritualidade, muitas vezes estranhos á vida do planeta.

Através dessa realidade, podereis reconhecer que a arte, em qualquer de suas fôrmas puras, constitue objeto da atenção carinhosa dos invisíveis, com possibilidades outras que o artista do mundo está muito longe de imaginar.

No Além, é com o seu concurso que se reformam os sentimentos mais impiedosos, predispondo as entidades infelizes ás experiencias expiatórias e purificadoras. E é crescendo nos seus domínios de perfeição e de beleza, que a alma evolve para Deus, enriquecendo-se nas suas sublimadas maravilhas.

169. — *A emotividade deve ser disciplinada?*

— Qualquer expressão emotiva deve ser disciplinada pela fé, porquanto a sua expansão livre, na base das incompreensões do mundo, pôde fazer-se acompanhar de graves consequências.

170. — *Com tantas qualidades superiores para o bem, pôde o artista de genio transformar-se em instrumento do mal?*

— O homem genial é como a intelligencia que houvesse atingido as mais perfeitas condições de técnica realizadora, por haver alcançado os elementos da espontaneidade; essa aquisição, porém, não o exime da necessidade de progredir moralmente, iluminando a fonte do coração.

Em vista de numerosas organizações geniais não haverem alcançado a culminancia de sentimento é que

temos contemplado, muitas vezes, no mundo, os talentos mais nobres encarcerados em tremendas obsessões, ou anulados em desvios dolorosos, porquanto, acima de todas as conquistas propriamente materiais, a criatura deve colocar a fé, como o eterno ideal divino.

171. — *De modo geral, todos os homens terão de buscar os valores artísticos para a personalidade?*

— Sim; através de suas vidas numerosas a alma humana buscará a aquisição desses patrimônios, porquanto, é justo que as criaturas terrenas possam levar da sua escola de proações e de burilamento que é o planeta, todas as experiências e valores suscetíveis de serem encontrados nas lutas da esfera material.

172. — *Existem, de fato, uma arte antiga e uma arte moderna?*

— A arte evolue com os homens e, representando a contemplação espiritual de quantos a exteriorizam, será sempre a manifestação da beleza eterna, condicionada ao tempo e ao meio de seus expositores.

A arte, pois, será sempre uma só, na sua riqueza de motivos, dentro da espiritualidade infinita.

Ponderemos, contudo, que, se existe hoje grande número de talentos com a preocupação excessiva de originalidade, dando curso às expressões mais extravagantes de primitivismo, esses são os cortejadores irrequitos da glória mundana que, mais distanciados da arte legítima, nada mais conseguem que refletir a confusão dos tempos que passam, apoiando o domínio transitório da futilidade e da força. Eles, porém, passarão como passam todas as situações incertas de um cataclismo, como zangões da sagrada colméia da beleza divina, que, em vez de espiritualizarem a natureza, buscam deprimi-la com as suas concepções bizarras e doentias.

AFEIÇÃO

173. — *Como devemos entender a simpatia e a antipatia?*

— A simpatia ou a antipatia tem as suas raízes profundas no espírito, na subtilíssima entrosagem dos fluidos peculiares a cada um e, quasi sempre, de modo geral, atestam uma renovação de sensações experimentadas pela criatura, desde o pretérito delituoso, em iguais circunstâncias.

Devemos, porém, considerar que toda antipatia, aparentemente a mais justa, deve morrer para dar lugar à simpatia que edifica o coração para o trabalho construtivo e legítimo da fraternidade.

174. — *Poderemos obter uma definição da amizade?*

— Na gradação dos sentimentos humanos a amizade sincera é bem o oásis de repouso para o caminhar da vida, na sua jornada de aperfeiçoamento.

Nos trâmites da Terra a amizade leal é a mais formosa modalidade do amor fraterno, que santifica os impulsos do coração nas lutas mais dolorosas e inquietantes da existência.

Quem sabe ser amigo verdadeiro, é sempre o emissário da ventura e da paz, alistando-se nas fileiras dos discípulos de Jesus, pela iluminação natural do espírito que, conquistando as mais vastas simpatias entre os encarnados e as entidades bondosas do Invisível, sabe irradiar por toda parte as vibrações dos sentimentos purificadores.

Ter amizade é ter coração que ama e esclarece, que compreende e perdoa, nas horas mais amargas da vida.

Jesus é o Divino Amigo da Humanidade.

Saibamos compreender a sua afeição sublime e transformaremos o nosso ambiente afetivo num oceano de paz e consolação perenes.

175. — *O instituto da família é organizado no*